

Festa de cores nos 35 anos do Grupo Corpo

Apesar de muitíssimo bem dançada, 'Ímã', com uma luz elegante que se impõe desde o início, demora um pouco a esquentar

Leonardo Aversa



"ÍMÃ": pela primeira vez a trilha, composta pelo trio +2, é de origem carioca

'Ímã'

Teatro Municipal

Silvia Soter

DANÇA
CRÍTICA

A mais nova criação do Grupo Corpo, "Ímã", está em temporada no Teatro Municipal até amanhã. Chega com um ano de atraso, já que em 2009, ano da estreia mundial, o Rio ficou fora da turnê por conta da reforma do teatro.

"Ímã" é resultado do encontro do Grupo Corpo com a música de +2, da tríade Domenico Lancelotti, Alexandre Kassin e Moreno Veloso. Totalmente instrumental, a música cria um ambiente sonoro dançante, variado, que serve como um grande lago onde a dança de Rodrigo Pederneiras se banha. Neste sentido, a relação entre música

e dança parece mais frouxa e menos determinante nesta criação do que em muitas peças anteriores da companhia. Essa liberdade, alimentada pelo pop sofisticado e brincalhão do +2, faz com que os corpos de "Ímã" flertem até com o *jazzdance*. Pela primeira vez na História do Grupo Corpo, a trilha composta é de origem carioca.

O duo é a figura fundadora da coreografia. Diferentemente de "Lecuona" — peça que também é apresentada, fechando a noite —, em que quadris, olhos e bocas de homens e mulheres se atraem sensualmente, em "Ímã" os corpos se colam pelo eixo, pela coluna vertebral. São os troncos que se mantêm próximos, que se aproximam e se afastam sem perder a tensão. É o encontro que determina o campo magnético. Aos poucos, o cinza dos figurinos se desdo-

bra em outras cores, do mesmo modo que os corpos amalgamados dos primeiros duos se afastam, partem solitários e se recombinaem em novas configurações. No entanto, assim como as cores, a coreografia de "Ímã", apesar de muitíssimo bem dançada, demora um pouco a esquentar.

A possibilidade de acompanhar por tantos anos os caminhos criativos de uma equipe como a do Grupo Corpo é uma oportunidade rara no mundo de hoje. Permite compreender um percurso artístico como obra. A cada dois anos, uma nova peça surge e revela, sublinha ou aprofunda aspectos dessa escrita rigorosa e com identidade própria. Algumas dessas peças se transformaram em verdadeiros marcos, outras parecem etapas intermediárias necessárias a esta trajetória. Algu-

mas retornam em novas temporadas, combinadas a outras estreias, enquanto outras não são retomadas.

Em "Ímã", não é a força da dança que se impõe em cena desde o início. A beleza elegante da luz de Paulo Pederneiras, em sintonia fina com os figurinos de Freusa Zechmeister, emerge imediatamente e se estabiliza no alto, em equilíbrio perfeito com dança e música. Aqui, a luz e o figurino não parecem servir à dança, ou a dança servir à música. E vice-versa. Por que não? No ano em que a companhia comemora 35 anos de vida, "Ímã" dá visibilidade à sólida parceria entre esses artistas, que fez do Corpo referência absoluta de qualidade, elegância e desenvolvimento de uma escrita no corpo e na cena, que não se fixa e que não deixa de se visitar. ■